



## O POTI VELHO: UMA ABORDAGEM ETNOARQUEOLÓGICA

### POTI VELHO: ETHNOARCHAEOLOGY APPROACH

**Suianny Alves Silvai**

Bacharel em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre/Universidade Federal do Piauí  
e-mail: [suiannyalves@gmail.com](mailto:suiannyalves@gmail.com)  
Teresina, Piauí, Brasil

**Andréa Lourdes Monteiro Scabello\***

Doutora em Geografia/Universidade de São Paulo  
Professora da Universidade Federal do Piauí  
E-mail: [ascabello@hotmail.com](mailto:ascabello@hotmail.com)  
Teresina, Piauí, Brasil

---

\*Endereço: Andréa Lourdes Monteiro Scabello  
Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza. Campus Ministro Portela - Prédio do Museu de Arqueologia, Ininga, CEP: 64.049-550, Teresina/PI, Brasil

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho**

**Artigo recebido em 07/02/2013. Última versão recebida em 05/03/2013. Aprovado em 06/03/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

O bairro do Poti Velho localiza-se na Zona Norte da cidade de Teresina, na confluência dos rios Poti e Parnaíba. Nessa área há diversas lagoas com presença de jazidas de argila, cujos sedimentos são depositados durante as cheias dos rios. A presença dessas áreas de captação pode explicar a existência de atividades artesanais – produção oleira e ceramista - que utilizam os sedimentos argilosos como matéria prima para a produção de tijolos, telhas, potes, panelas e objetos decorativos. A produção oleira e ceramista, presente na área acerca de 50 anos, é decorrente dos conhecimentos tradicionais, passados de geração à geração, e das inovações introduzidas na comunidade através de órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE.

**Palavras-chave:** etnoarqueologia; produção ceramista; tecnologia.

## ABSTRACT

The neighborhood of Poti Velho is located in the north of the city of Teresina, the confluence of the Parnaíba and Poti rivers. In this area there are several lakes with the presence of deposits of clay, whose sediments are deposited during flooding of the rivers. The presence of these catchment areas can explain the existence of craft activities - production potter and ceramic artist - using the clay sediments as raw material for the production of bricks, tiles, pots, pans and decorative objects. The production potter and ceramicist, this area about 50 years, is due to the traditional knowledge passed from generation to generation, and innovations in the community through bodies such as the Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE.

**Keywords:** ethnoarchaeology; potter production; Technology.

## INTRODUÇÃO

As pessoas têm as suas lembranças narradas, as quais não podemos reviver [...]; descrita, partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre a memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como um “detonador” das lembranças e também como documento/monumento.

Francisco Alcides do Nascimento

O bairro do Poti Velho localiza-se na Zona Norte da cidade de Teresina, na confluência dos rios Poti e Parnaíba; é o núcleo de povoamento mais antigo da cidade podendo apresentar potencial para as pesquisas relativas à arqueologia histórica e arqueologia urbana. Foi, às margens do rio Poti, que surgiu a vila de pescadores na qual se desenvolveram atividades econômicas como a agricultura, a pesca, o comércio, a olaria e a ceramista. Nessa área há diversas lagoas com presença de jazidas de argila, cujos sedimentos são depositados durante as cheias dos rios.

O sistema ambiental em Teresina é configurado por rios (os principais são o Parnaíba e o Poti), solos ricos em material orgânico e variado na composição, permite a diversidade de recursos naturais originários de uma longa transformação geológica da bacia sedimentar. Os depósitos de argila que ocorrem tanto de um lado como do outro desses rios associam-se às áreas de várzeas ou depressões da planície e em terraços aluviais, todos com características de depósitos subatuais (PORTELA; GOMES, 2005. p.3).

As produções oleira<sup>1</sup> e ceramista, presente na área acerca de 50 anos, são decorrentes dos conhecimentos tradicionais, passados de geração à geração, e das inovações introduzidas na comunidade através de órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. Esta pesquisa dedicou-se a analisar a produção ceramista do Poti Velho sob o viés etnoarqueológico a fim de documentar o saber fazer dos artesãos. Levantou parte dos conhecimentos que subjazem ao trabalho cotidiano, com especial atenção à cadeia operatória.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

O Poti Velho, como citado anteriormente, constitui-se no núcleo de ocupação mais antigo do município de Teresina. Localizou-se na rota que ligava o sertão ao litoral. E seu povoamento pode ser explicado pelos movimentos migratórios da população oriundas do

---

<sup>1</sup> A produção oleira era uma atividade tradicional no Bairro Olaria, vizinho ao Poti. Contudo, esta atividade foi interrompida em janeiro de 2012 em função do projeto de revitalização Lagoas do Norte implantado da Prefeitura Municipal de Teresina.

interior e de outras províncias. O topônimo sugere a presença dos índios Putis. Mas esta informação não é atestada por documentos. E, mesmo que eles tenham povoado a área, não se sabe ao certo a nação à qual pertenciam. Segundo Schwenhagem e Abdias Neves, os referidos índios eram integrantes dos Tupi, mas Martins Soares e Odilon Nunes afirmam serem da nação Tapuia.

De acordo com Nunes (1937), a região da barra do Poti começou a ser povoada ainda no século XVII, com a chegada de Domingos Jorge Velho e um grupo de bandeirantes, que estabeleceram uma feitoria conhecida como o Arraial do Poti.

A Vila do Poti foi instalada em 21 de Novembro de 1833, ganhando rapidamente destaque na história do Piauí. Sobrepôs-se à Oeiras, primeira capital do Piauí, localizada no sul do Estado.

O governador do Maranhão, D. Fernando Antonio de Noronha, com jurisdição sobre o Piauí, propôs a transferência da capital de Oeiras para a Vila do Poti. No entanto, tal proposta foi esquecida. Em 1844, surgiu um novo parecer de autoria do presidente da província do Piauí, Idelfonso de Sousa Ramos, que defendia a mudança da nova capital para um local às margens do rio Parnaíba, na confluência da corrente fluvial denominada Mulato, ali onde se edificaria Regeneração (SILVA, 1994.p.16).

No ano de 1849 foi promulgada a lei que transferia a capital para a Vila do Poti, logo que apresentasse uma estrutura favorável. O Conselheiro José Antonio Saraiva abraçou essa causa recomendando a mudança para um local, nas proximidades do rio Parnaíba, próximo a denominada Chapada do Corisco. Um dos principais motivos para excluir a Vila do Poti, da pretensão de sede política-administrativa, foi justamente a condição de insalubridade que a área enfrentava, como o próprio Saraiva comentou:

Fácil me foi compreender que sujeitas a febres, endêmicas, sempre arruinada pelas enchentes daquele rio, não podia aquela vila florescer e que seus habitantes desejavam com ansiedade edificá-la em qualquer outro lugar, que pudesse convir a seus interesses. Aproveitei êsse ensejo convidei-os a edificar no mais belo e agradável lugar na margem do Parnaíba [...] e o resultado de tudo foi além de minhas esperanças, porque nunca acreditei que, em menos de 6 meses estivessem em construção perto de 30 habitações e, ainda mais que os mesmos habitantes da Vila Velha, que ali tinham elegantes casas, se resolvessem a deixá-las para construir no novo local [...] outros prédios (SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DA PREFEITURA DE TERESINA, p. 16).

Apesar da oposição dos oeirenses, em 21 de junho de 1852, foi anunciada a mudança de sede do governo para a Vila Nova do Poti que, elevada a categoria de cidade, recebeu o nome de Teresina, em homenagem à Imperatriz do Brasil, D. Teresa Cristina.

### **O Poti Velho e a produção oleira e ceramista**

As cidades, enquanto lugar de moradia, trabalho, comércio e trocas, carregam consigo a memória do povo, suas lembranças e seus esquecimentos. Para Tocchetto & Thiesen (2007, p. 175), ela é vista “como verdadeiros baús de reminiscências, lugares privilegiados onde as diversas memórias individuais podem se interligar para construir a memória coletiva”.

Teresina não é diferente. No bairro do Poti Velho, os mais velhos guardam lembranças e recordações do tempo de outrora. Os ceramistas, em especial, lembram-se dos momentos em que aprenderam a manusear a argila e a elaborar os potes. Trazem na memória as recordações do processo de aprendizagem, o sentimento de superação dos obstáculos, diante dos primeiros trabalhos confeccionados, as lições aprendidas com os mais experientes. Os oleiros, que ocupavam as imediações das lagoas, por sua vez, ressaltam o ardor do trabalho pesado, dos acidentes e das doenças laborais.

A vila do Poti foi uma referência, no início do povoamento, mas, no final do século XIX, foi submetida à condição periférica com a transferência da sede do poder administrativo para a Vila Nova do Poti. Como afirma Nascimento (s/d, p.199)

O homem é um ser desejante e a cidade sonhada por Antonio Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauienses. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como o motor do desenvolvimento da Província. Tenha a cidade nascido na "Chapada do Corisco" e, alcançado o seu desiderato ou não, foi desejada. Assim como Isidora era a cidade dos sonhos de Marco Polo, Teresina era a cidade dos sonhos de Saraiva.

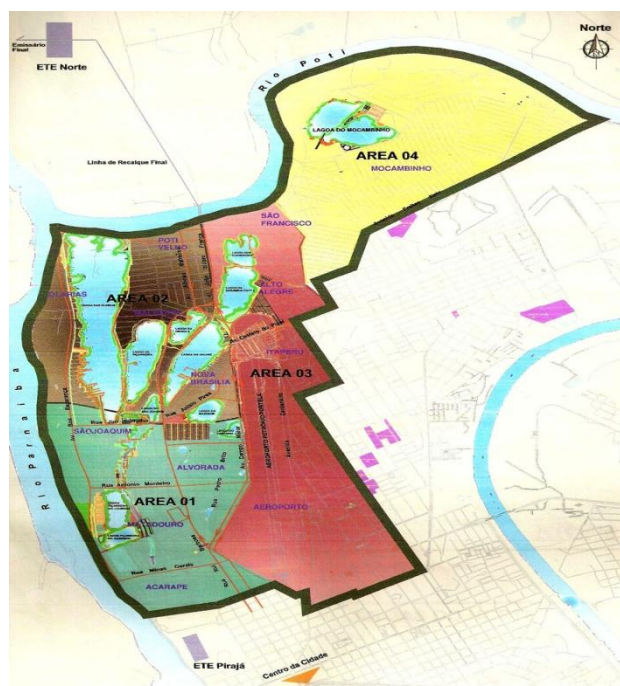
A expansão dos limites territoriais de Teresina submeteu, gradativamente, a região do Poti e Olaria ao esquecimento. A área passou a receber contingentes de população de baixa renda que se dedicaram às atividades de subsistência e comerciais. Entre elas, destacaram-se a captação de argila para a produção de tijolos, telhas e produção cerâmica. Em épocas passadas, o trabalho do oleiro era valorizado, pois se produzia materiais construtivos necessários à expansão urbana. Hoje, depreciou-se em função da expansão da indústria da construção civil que oferece novos tipos de materiais. Além disso, as questões relacionadas aos impactos ambientais são relevantes. Entre eles citam-se:

o desmatamento da vegetação nativa, a poluição do ar, a poluição do solo, os esgotos a céu aberto, a construção de moradias em locais inadequados, o aumento da superfície lacustre, o descumprimento da legislação e a possibilidade de esgotamento da jazida de argila (PORTELA; GOMES, 2005, p. 4).

Os oleiros reclamam do processo de marginalização e apontam o projeto de revitalização das lagoas do Norte (fig.01), idealizado pela Prefeitura Municipal de Teresina,

como o responsável pela expropriação do território provocando o desemprego e deslocamento de dezenas de famílias para outras áreas da cidade. O projeto de revitalização alterou o lugar. Ao inviabilizar a extração da argila, minimizou alguns impactos ambientais e proporcionou a valorização do solo urbano o que intensificará a especulação imobiliária e transformação da paisagem urbana.

Figura 01 - Área que abrange o Projeto Lagoas do Norte, em Teresina (PI). O Poti Velho localiza-se na área 02.



Fonte: <http://img301.imageshack.us/img301/8446/semttuloff1.jpg>

## REFERENCIAL TEÓRICO

O termo etnoarqueologia foi usado pela primeira vez por Jesse W. Fewkes, por volta de 1900, ao mencionar o estudo dos sítios arqueológicos relativos a cultura Hopi, nação indígena existente nos Estados Unidos (VERGARRA, 2010; POLITIS, 2002, p.64 apud STILES, 1977).

O termo etnoarqueologia voltou a ser usado por Oswalt e Vanstone, nos anos de 1960, ao se referirem à informação oral acerca de um sítio esquimó que fora ocupado entre os anos de 1840 e 1910. A partir de 1960, observa-se o crescente uso das informações etnográficas com o propósito de interpretar o registro arqueológico (VERGARRA, 2010, p. 2).

El intento de usar la información etnográfica para interpretar el registro arqueológico no es nuevo [...]. Lo que si es novedoso es que la información etnoarqueológica haya sido obtenida por arqueólogos con el propósito central de ayudar a la comprensión del registro arqueológico (DAVID & KRAMER, 2001; POLITIS, 2002, p.64).

Uma das grandes contribuições a este campo de pesquisa foram os trabalhos de Marcel Mauss. Ainda nessa época, Lewis Binford interessou-se sistematicamente pelo uso de dados etnográficos na interpretação da cultura material remanescente dos grupos pré-históricos. Na perspectiva de Binford, como todos os artefatos têm contextos básicos e todos os subsistemas da cultura estão associados a um conjunto de objetos, pode-se oferecer um retrato compreensível das culturas extintas. O dever do arqueólogo é explicar as relações existentes no registro arqueológico (VERGARA, 2010, p. 3).

Para Alfredo-Gonzalez Ruibal (2003) foi, a partir das inferências de Binford, que a arqueologia assumiu o papel de descobrir leis universais, transculturais onde as sociedades humanas se enquadravam. Dessa forma, a analogia etnográfica e a etnoarqueologia desempenharam um papel importante, pois se propuseram a superar os vazios das informações arqueológicas e fortalecer comparações transculturais.

Para se enveredar pelos caminhos da etnoarqueologia, o arqueólogo deve desenvolver olhar e postura etnográficas a fim de estabelecer as relações, por exemplo, entre comportamentos ou crenças com a cultura material. Apenas estudando situações vivas, em que os comportamentos e ideias podem ser observados em conjunto com a cultura material, é que será possível constituir correlações úteis para inferir sobre o registro arqueológico de modo mais confiável. Essa tendência atingiu o apogeu, nos anos 70, sob a denominação de arqueologia processual.

Nos anos finais da década de 70, começaram estudos específicos sobre as sociedades atuais feitos por arqueólogos. Assim surgiu a inovação de se buscar os princípios gerais de comportamento humano que se conectem com a cultura material e não dependa totalmente da antropologia sociocultural dirigindo toda a discussão nesse sentido durante toda essa década. Mais adiante, nos anos de 1990, os estudos etnoarqueológicos multiplicaram e se expandiram abordando todo o tipo de sociedade. As questões se diversificaram e em todas as partes do mundo se organizaram projetos de etnoarqueologia de grande alcance popularizando os conceitos e métodos contribuindo para o desenvolvimento da etnoarqueologia mundial (VERGARRA, 2010, p. 3).

A arqueologia processual, denominada também de Nova Arqueologia, permitiu não só um conhecimento aprofundado dos processos de construção da cultura material, mas também intensificou a realização dos trabalhos de campo.

Poloni (2008, p.45), ao resumir as ideias de Politis (2002) e de David & Kramer (2001), afirma que a etnoarqueologia processualista aproxima-se mais das ciências naturais



que das ciências sociais e interessa-se pela relação entre o comportamento humano e o meio que o envolve utilizando abordagens quantitativas ao buscar leis que fortaleçam as relações entre os homens e o mundo material.

Nas décadas seguintes, a arqueologia processual cedeu espaço para os primeiros estudos etnoarqueológicos de abordagem pós-processual, desenvolvidos por Ian Hodder trazendo novas possibilidades.

Frente la arqueología o etnoarqueología anterior, preocupada basicamente por cuestiones ecológicas y económicas, que eran las que parecían aprehendibles a través del registro material, la tendencia posprocesual defiende la posibilidad de estudiar los aspectos superestructurales (ideológicos e simbólicos) de una sociedad (RUIBAL, 2003, p.20).

Com o pós-processualismo, os objetos passaram a desempenhar um papel ativo na construção das sociedades. Para os adeptos dessa abordagem, a “etnoarqueologia é uma ciência social histórica e deve procurar compreender os fenômenos materiais/sociais do ponto de vista dos seus atores, [...], ou seja, procurar compreender os artefatos como manifestação da cultura” (DAVID & KRAMER, 2001). Dessa forma, pode-se afirmar que:

No existe nada libre de significado cultural, hasta el acto más mínimo está profundamente enraizado em actitudes culturales específicas: arrojar basura, descuartizar una gacela o modelar una cerámica, actitudes las tres que preocupan a los etnoarqueólogos, dependen estrechamente de convenciones culturales concretas, como el concepto de la higiene, el significado cultural del alimento [...] y decisiones técnicas socialmente condicionadas (RUIBAL, 2003, p. 21).

No Brasil, “somente na década de 1990 a produção de trabalhos etnoarqueológicos aumenta sensivelmente, tanto em número quanto em diversidade de temas e difusão pelo território brasileiro” (MOI, 2007, p.19). As pesquisas etnoarqueológicas desenvolvidas no Brasil apresentaram uma notável preferência pelo estudo de grupos indígenas, especialmente sobre os aspectos da cultura material desses povos (POLONI, 2008 p.118).

Tal preferência justifica-se pelos mais variados motivos, desde motivações de cunho pessoal, trabalhos de outros pesquisadores que despertaram interesse pelo tema, anteriores visitas a tribos indígenas, interesse em conhecer esses povos mais profundamente, até questões de ordem científica, como carência de informações e pesquisas a respeito de determinado povo ou mesmo questões de cunho político e social, como a urgência em estudar determinadas regiões ou povos a serem perturbados por empreendimentos de infraestrutura a serem erigidos em seus locais tradicionais de vivência. O facto é que parece evidente que o poder analógico da Etnoarqueologia indígena nativa seja de importância fundamental não só para a sociedade brasileira, em seu processo de conhecer a si própria a partir dos povos e etnias que a constitui, ou para os próprios povos estudados através da visibilidade e do poder de penetração desses estudos na reafirmação de sua identidade, sua importância e seus direitos no interior da comunidade nacional que ocupa, mas também são de



imensa importância para a própria Arqueologia de modo geral (POLONI, 2008, p.118).

Essa tendência [a que utiliza a etnoarqueologia para reconstruir os processos históricos dos grupos indígenas atuais] busca entender os processos de continuidade e troca nesses contextos sociais com o uso complementar de informações etnográficas (POLITIS, 2002 apud Heckenberger *et al.*, 1999).

Ruibal (2003) afirma que, muitas vezes, relega-se o conceito de etnoarqueologia ao uso que tradicionalmente se dá a etnografia em arqueologia, ou seja, reduzindo-a à comparação entre os remanescentes da cultura material passada com os objetos atuais. Essa disciplina deve e pode aspirar mais, já que “dentro de la etnoarqueología cabem los estudios de la cultura material contemporânea, la etnohistoria, la arqueología experimental, la arqueología histórica e uma possível etnoarqueología do capitalismo” (RUIBAL, 2003, p. 10). Como a etnoarqueologia pode englobar uma diversidade de áreas, a disciplina segue sem uma definição precisa do campo de atuação, como se pode perceber na afirmação a seguir.

Não obstante o termo “etnoarqueologia” ser a combinação das palavras etnografia e arqueologia, a significação que daí resulta é bastante amplo, não existindo, inclusive a compreensão clara nem acordo generalizado sobre onde, na zona de transição entre esses tradicionais campos de pesquisa, a etnoarqueologia se insere (MOI, 2007, p.24 apud THOMPSON, 1991, p.231).

Segundo, Vilaça *et al.* (2004, p. 142) não é simples definir o que se entende por etnoarqueologia. Como base teórica, essa disciplina procura investigar os processos culturais que levaram à formação do registro arqueológico, estabelecendo as relações entre cultura material, os seus resíduos tangíveis e o comportamento humano. Num sentido amplo, podemos encará-la como todas as relações entre Arqueologia e Antropologia.

Conforme Davis & Kramer (2001), um dos principais objetivos da etnoarqueologia é fornecer ligações entre o presente e o passado. Essa área se desenvolveu com o propósito de fornecer analogias etnográficas auxiliando na interpretação de dados arqueológicos. Para os citados autores, os arqueólogos e etnoarqueólogos deparam-se com problemas de observação inversos. Enquanto os dados arqueológicos manifestam os efeitos de processos culturais ao longo do tempo, os dados etnoarqueológicos lidam com o “presente etnográfico”. Segundo esses autores (2001, p. 37):

A etnoarqueologia envolve o estudo de campo da produção, tipologia, distribuição, consumo e descarte de coisas materiais, dedicando particular atenção aos mecanismos que relacionam variação e variabilidade ao contexto sociocultural, e a inferência de mecanismos e processos e mudança cultural.

Para Ruibal (2003, p. 12 apud Fernandez, 1994), as definições tradicionais de etnoarqueologia são válidas, mas insuficientes. Segundo ele, a maior parte delas pode ser aglutinada em dois grupos: o trabalho de campo etnográfico conduzido por arqueólogos ou

antropólogos (com formação arqueológica) para auxiliar na interpretação em arqueologia e a etnoarqueologia entendida como a relação entre a antropologia e a arqueologia.

A etnoarqueologia geralmente trabalha com o Outro, sociedades submetidas ao processo de conquista e exploração pelo Ocidente. A esse Outro tem sido imposta a visão particular do conquistador – a sua história e de sua identidade - menosprezando a interpretação que esses grupos podem e querem dar sobre a sua própria existência (RUIBAL, 2003). Dessa forma Ruibal (2003, p.12), define etnoarqueologia como:

El estudio arqueológico de sociedades generalmente preindustriales, com el objetivo de producir una arqueología más crítica y menos sesgada culturalmente, de gerar ideas que favorezcan el debate arqueológico y de contribuir al conocimiento de las sociedades com las que se trabaja, teniendo em cuenta sus tradiciones, ideas y puntos de vista.

Moi (2007) afirma que, ao tentar entender como as sociedades empregam a cultura material e buscar identificar e documentar quais e de que forma os comportamentos se incorporam na construção do registro arqueológico, a etnoarqueologia esbarra em questões difíceis de serem abordadas pela arqueologia como: “padrão de transmissão de conhecimento, o uso hierarquizado do espaço, relações sociais [...] e os sistemas de distribuição e uso de artefatos, sua vida útil, bem como as práticas de descarte e consumo”. Para Poloni (2008, p. 53), a pesquisa em etnoarqueologia é:

portanto, aquela que analisa uma determinada sociedade viva, com o objetivo de apreender os diversos contextos relacionados com a produção material humana sob um enfoque arqueológico, ou seja, com objetivos, métodos e técnicas que possibilitem ampliar o conhecimento arqueológico a respeito da relação entre a humanidade e sua produção artefactual (POLONI, 2008, p.53).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de cunho etnoarqueológica sobre os artesãos e a produção ceramista do Poti Velho iniciou-se com um levantamento bibliográfico e documental acerca da história local. Essa etapa demandou tempo em função de diversos obstáculos que precisaram ser transpostos – dificuldade de acesso aos documentos existentes no Arquivo Público Estadual e na obtenção de referências bibliográficas a respeito do tema em questão. Após o levantamento e análise das informações iniciais, procedeu-se à visita ao Bairro Poti Velho (Polo Cerâmico) com vista a estabelecer contato com alguns dos artesãos. Essa etapa ocorreu sem grandes

dificuldades uma vez que o presente trabalho constituiu-se na continuidade de uma pesquisa realizada nos idos de 2009.<sup>2</sup>

### Algumas informações

Várias foram as visitas ao Polo Cerâmico a fim de levantar dados sobre os artesãos e o processo de produção da cerâmica. Realizaram-se diversas entrevistas das quais participaram os proprietários das oficinas e os ajudantes. Entre as informações coletadas destacam-se aquelas relativas ao modo de produção e as condições de trabalho. No caso do Poti Velho evidenciou-se que a atividade é eminentemente masculina, poucas são as mulheres artesãs. A maioria delas participa de parte do processo especialmente, dedicadas à fase da decoração.

A cultura oleira no bairro foi, desde o início, de domínio do masculino na rústica atividade de extração, preparação do barro e confecção de peças como tijolos, telhas, filtros. Mas as mulheres não estavam totalmente ausentes desta atividade. Elas, tradicionalmente, transportavam as peças – sobre a cabeça – e as arrumavam para serem comercializadas [...]

Aos poucos, as, mulheres deixam de apenas transportar e arrumar os produtos para comercialização e assumem um novo lugar: o de artesãs do barro, passando a também confeccionar peças cerâmicas. A presença feminina no ofício oleiro no Poti Velho foi, até meados dos anos 2000, liminar: mulheres-“ajudantes”, carregadoras de tijolos, pintoras de peças, etc (MORAIS; PEREIRA, 2012, p.13).

A história da produção artesanal da cerâmica no Poti Velho está associada ao trabalho pioneiro de Raimundo Nonato da Paz, mais conhecido como Raimundo Camburão. Oriundo da cidade de Rosário no Maranhão (onde aprendeu a lida com a cerâmica) mudou-se para a região do Poti, na década de 1960, em busca de melhores condições de trabalho.

Raimundo Camburão confeccionava diversos tipos de peças, de acordo com a demanda local: potes, jarros e filtros. Com o aumento da demanda, passou a ensinar o ofício e, ao mesmo tempo, a recrutar mão de obra em outros locais, especialmente no Maranhão.

Desde 1998 os artesãos organizaram-se politicamente criando a Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho – ARCEPOTI. Com o tempo, a Associação foi organizando cursos com o objetivo de divulgar e aprimorar as técnicas de manufatura da cerâmica incrementando a produção.

Aos poucos as mulheres foram inseridas na produção e, em 2006, surgiu a Cooperativa de Artesanato do Poti Velho – COOPERART, com apoio da Fundação Wall Ferraz. À frente da cooperativa destaca-se

---

2 Comunicação Oral apresentada no Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB, realizado em Belém, em 2009.

a artesã Raimunda Teixeira, Raimundinha, que deixa a diretoria da ARCEPOTI, da qual fazia parte, para presidir a cooperativa de mulheres artesãs que “ganha” um espaço físico próprio em um dos prédios do Pólo Cerâmico. Este movimento marca a presença atual das mulheres na arte cerâmica do Poti Velho as quais, no interior de uma rede sociotécnica capitaneada pelo Sebrae-PI, veem-se envolvidas tanto no processo criativo quanto no da organização político-comercial, via cooperativa (MORAIS; PEREIRA, 2012, p.14).

A atividade cerâmica, que até o início de 1990, era considerada trabalho masculino, a partir desse momento passa a ser realizada, também, pelas mulheres. Através da delicadeza de suas mãos, contam as histórias do povo ribeirinho.

A COOPERART elabora um conjunto de peças cerâmicas que retratam a cultura e a identidade do lugar. Na cooperativa elas se dividem em cinco grupos representando “famílias” distintas. Cada um desses grupos é responsável pela confecção de bonecas de cerâmica: mulher do ceramista, do pescador, do oleiro, das continhas e a rezadeira.

O reconhecimento ao trabalho desses artesãos chegou em 2006 quando a Prefeitura de Teresina e o Governo do Estado do Piauí com apoio do SEBRAE, da Fundação do Banco do Brasil, do Serviço Nacional da Indústria – SENAI, Fundação Rio Parnaíba, Instituto Walmart e Sindicato dos Guias Turísticos inaugurou o Polo Cerâmico de Artesanato do Poti Velho.

O Pólo Cerâmico é constituído por lojas e oficinas (vinte e oito no total) e a sede da COOPERART. Todas as oficinas são divididas em três espaços: parte frontal (espaço ocupado pela loja), parte central (oficina) e parte posterior (forno). Ao fundo do empreendimento há um terreno baldio, onde frequentemente são depositados os fragmentos das peças que não podem ser reaproveitadas. Essa área se constitui no local de descarte. Esses fragmentos descartados são usados para aterrar as depressões do terreno.

O artesanato, atualmente, tem importância socioeconômica. É reconhecido como fonte geradora de trabalho e renda. Trata-se de uma atividade que agrega saberes e modos de fazer transmitidos através das gerações, nos quais os artesãos imprimem as suas marcas pessoais. Um dos traços característicos da produção de cerâmica do Poti Velho é o seu caráter eminentemente manual.

Para Read (1968, p. 27-28), a cerâmica é a mais simples e a mais difícil de todas as artes.

A mais simples, por ser a mais elementar; a mais difícil, por ser a mais abstrata. Historicamente, encontra-se entre as artes mais primitivas. Os vasos antigos que se conhecem eram modelados à mão em barro cru, tal qual era extraído da terra e secos ao sol e ao vento [...] e os casos que então produzi ainda são capazes de nos sensibilizar por suas formas expressivas. Quando o homem descobriu o fogo e aprendeu a tornar seus vasos rijos e duradouros, quando inventou a roda e como oleiro pôde acrescentar ritmo e movimento ascensional ao seu conceito de forma, estavam presentes todos os elementos essenciais da mais abstrata de todas as formas de arte.

Os objetos produzidos fazem parte da cultura material e como tal podem ser entendidos como um fenômeno cultural codificado duas vezes, na mente do artesão e na forma física do objeto, o que permite uma comparação entre os fenômenos culturais, o artefato e os seus cognitivos comportamentais.

Assim, pretende-se apresentar a arte do saber cerâmico desses artesãos a fim de que se possa compreender os caminhos desse processo cognitivo. O processo do organizar mentalmente, do fazer, até a etapa final da construção do objeto, isto é, a arte final.

### **O trabalho de campo**

O trabalho de campo foi constituído por várias etapas: uma preliminar, com a finalidade de identificar o modo de produção e, diversas outras visitas, para realizar as entrevistas e proceder a documentação fotográfica.

O trabalho iniciou-se com o levantamento dos espaços das oficinas existentes no Polo Cerâmico, lócus do trabalho artesanal. A diversidade de formas e estilos produzidos fez com que se optasse por selecionar uma amostra. Sampieri et al. (2006, p. 252) define amostra como “uma unidade de análise ou conjunto de pessoas, contextos, eventos ou fatos sobre o qual se coletam os dados sem que necessariamente seja representativo do universo”.

Apesar da intervenção do SEBRAE, cada oficina ainda mantém certa particularidade. Cada artesão mantém a sua individualidade na organização das oficinas, na fabricação, modelagem e acabamento de suas peças. As oficinas são organizadas de formas diferentes ao longo do processo de trabalho. As etapas de fabricação são similares, mas os artesãos detêm um jeito próprio de modelar o barro e de lhe dar acabamento. Os artesãos sabem confeccionar uma diversidade de formas, no entanto sempre há uma que os agrada mais, sejam elas decorativas ou utilitárias.

Dentro o universo de 28 oficinas, escolheram-se quatro oficinas para detalhar o processo de observação. O utilizado para selecioná-las foi a disponibilidade dos artesãos em participar da pesquisa.

Utilizamos como técnica de coleta de dados a observação direta e a entrevista semi estruturada. Esta permitiu um diálogo fluido e flexível com a comunidade em estudo. Antes de se iniciar a conversa, os entrevistados eram informados a respeito dos objetivos da pesquisa e dos resultados esperados (publicação da pesquisa). O roteiro era constituído por perguntas básicas a respeito do processo de manufatura da cerâmica, envolvendo desde as

informações sobre a captação da argila, o transporte da matéria prima, a preparação da argila, a elaboração do vasilhame, a secagem, a queima, a decoração e a comercialização. Esses dados foram registrados através de caderno de campo, gravações e fotografias. Essa técnica objetivou imprimir maior naturalidade nos depoimentos permitindo ao pesquisador e entrevistado colocar novas questões – perguntas, dúvidas e reflexões – possibilitando uma relação dialógica.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os temas básicos giraram em torno das lembranças da infância, o processo de aprendizagem do referido ofício, o processo de confecção no passado e na atualidade, a introdução de novas práticas e tecnologias, o processo criativo, a relação entre artesão e aprendizes, as preferências individuais, entre outras.

Segundo Scabello (2012) a tarefa era quase exclusivamente masculina porque envolvia trabalho pesado. A confecção das peças era realizada na própria residência dos artesãos abarcando o trabalho familiar. Porém, com o aumento da demanda, houve a necessidade de contratação de funcionários, que passaram a receber por dia trabalhado. O sistema de pagamento era semanal. Os artesãos, ao aumentarem a produção e a venda, remuneravam por quantidade de peças produzidas.

O trabalho era efetuado no fundo das residências, numa espécie de galpão improvisado, que constituía a oficina. Próxima a área de produção localizava-se o forno.

Com relação à cadeia operatória, pode-se afirmar que

A matéria-prima, após ser captada nas lagoas e barreiros, era comprada pelos artesãos [...]. A argila era hidratada em tanques e, após esta fase, era pisoteada e amassada. Muitas vezes, adicionava-se a ela areia para melhorar a plasticidade. Após esta etapa era alisada e cortada. As peças confeccionadas eram modeladas no torno manual. Ali mesmo recebiam o primeiro acabamento (etapa para a retirada de imperfeições) e, cozidas. Os fornos eram pequenos (capacidade para até 50 peças). Eram abastecidos com lenha, proveniente de restos de construção ou mesmo de derrubada de mata. Em função da pequena capacidade dos fornos queimavam-se peças cerâmicas de vários tamanhos (dentro das maiores se colocava as peças médias e dentro destas as menores), racionalizando o aproveitamento do forno e do recurso energético. A queima durava aproximadamente 48 horas. Após, esta etapa, as peças precisavam resfriar (24 horas). E, a partir desse momento, podiam receber algum tipo de tratamento, antes de serem vendidas. Dava-se preferência para a produção de potes, vasos, filtros, panelas, entre outros objetos utilitários (SCABELLO, 2012, p.1).

Havia uma divisão do trabalho. Artesãos e/ou funcionários eram responsáveis pela fabricação das peças e outros assumiam a função de torneador, isto é, realizavam o

acabamento dos objetos. Os objetos finalizados eram vendidos na própria residência dos ceramistas (SCABELLO, 2012).

Nas oficinas havia uma divisão do trabalho. Alguns artesãos e/ou funcionários eram responsáveis pela fabricação das peças e, outros, desempenhavam a função de torneador, isto é, realizavam o acabamento. Os fregueses (clientes) adquiriam os objetos na própria residência dos ceramistas. Eram procedentes de Teresina, mas também, de municípios próximos. Um dos artesãos afirma ter aprendido a técnica de confecção da cerâmica com o seu pai. Na sua família esse conhecimento foi passado de geração em geração. Aos 11 anos de idade já participava das atividades de carregamento da argila, limpeza do barracão das atividades de confecção. Aos quinze anos auxiliava na produção da cerâmica, pois era conhecedor de todo o processo de manufatura.

As informações orais foram fundamentais para a reconstrução de aspectos do passado recente, preenchendo algumas lacunas existentes nos documentos. Participaram das entrevistas algumas artesãs da COOPERART e três artesãos, proprietários das oficinas. Cada um deles possui predileção por elaborar determinados tipos de objetos: filtros, painéis e peças decorativas.

O informante I trabalha há mais de quarenta anos na produção cerâmica. Proveniente do Maranhão, chegou ao Poti Velho junto com Raimundo Camburão. Afirma ter aprendido a arte da cerâmica com o pai, quando era criança. Ele realizou os cursos de aperfeiçoamento ofertados pelo SEBRAE. Elabora filtros, mas confecciona objetos para decoração como jarros e peças para jardim.

O informante II também trabalha com a cerâmica desde a infância. O ofício, aprendeu com a sua mãe, no Maranhão. A cerâmica era feita de forma manual, já que a progenitora tinha descendência indígena. Os seus irmãos e filhos também aprenderam a trabalhar a argila mantendo o gosto pelo fabrico das painéis. Não participou dos cursos de capacitação que foram oferecidos. Afirma que permanece elaborando as painéis por tradição; elas fazem com que se recorde da mãe.

O informante III começou o ofício entre os 14 e 15 anos. Já realizou diversos cursos de aperfeiçoamento, inclusive na Itália. É notória a sua preferências por peças decorativas de interiores. Enfatizou que suas peças usam pouca argila, o que permite produzir peças mais elaboradas e requintadas. Além das peças em cerâmica, elabora mandalas utilizando discos de madeira.

As artesãs entrevistadas afirmaram que muitas delas trabalhavam nas olarias carregando tijolos, outras eram donas de casa. O trabalho com a cerâmica transformou a vida delas, pois incrementaram a renda familiar. O trabalho ocorre em ambiente descontraído,



repleto de conversa e risos. Algumas delas preferem trabalhar em casa, o que permite se dividir entre os afazeres domésticos e a atividade ceramista.

Ressaltam que a fundação do polo cerâmico introduziu mudanças significativas no processo produtivo. Antes da criação do pólo, as peças confeccionadas eram simples, de uso utilitário. Os objetos finalizados eram amontoados na rua e ali mesmo eram comercializadas. O Polo Cerâmico possibilitou a introdução de novas técnicas como a utilização do torno elétrico, além de propiciar um espaço próprio (oficinas) para a confecção, secagem, estocagem e queima das peças. A matéria prima melhorou de qualidade. Os oleiros aprenderam a tratar adequadamente a argila, eliminando as impurezas, reduzindo os problemas de quebra e fraturas durante a queima. As condições de trabalho também melhoram.

## CONCLUSÃO

Mesmo com as inovações inseridas no cotidiano desses artesãos, nos últimos 30 anos, a produção cerâmica manteve algumas tradições. Os conhecimentos adquiridos convertem-se em criatividade. Cada artesão imprime sua marca através de pequenos detalhes. Segundo um dos artesãos, é necessário ter sensibilidade para perceber as formas que surgem na argila durante o processo de modelagem das peças no torno. A argila ganha vida e mostra para o artesão as suas formas, a criação surge naturalmente.

Nesse processo de construir o conhecimento, esses artesãos, reutilizam o saber que aprenderam tradicionalmente com aqueles que surgem no dia-a-dia, através de suas próprias observações ou no contato com os outros.

A memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita, aqueles que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2005, p. 470).

## REFERÊNCIAS

BASTOS, C. de A. **Dicionário Histórico Geográfico do Estado do Piauí**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, p. 11-23, 1994.

CAVALCANTE, T. L. V. **História e etnoarqueologia da ocupação e uso do espaço entre**

**Os kaiowá de mato grosso do sul.** Congresso Internacional de história. Maringá, Paraná. 2009.

DAVID, N.; KRAMER, C. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. **Revista Horizontes Antropológicos: Arqueologia e sociedades Tradicionais.** Porto Alegre, ano 8, n 18, 2002, p. 13-58.

GOOF, J. L. **História e Memória.** Editora Unicamp, Campinas, 5ªed.p.411-476, 2003.

MOI, F. P. **Os Xerente: Um Enfoque Etnoarqueológico.** São Paulo. Ed. Annablume. 2007.

NASCIMENTO, F. A. Cidades e Memórias: “Cidades Invisíveis”. **Outros Tempos,** [www.outrostempos.uema.br](http://www.outrostempos.uema.br), ISSN 1808-8031, volume 03, p. 197-209.

NEWTON, D. Introdução. Cultura Material e História Cultural. In: B. Ribeiro (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira. (Tecnologia Indígena).** Vol.2. Petrópolis, Ed. Vozes.1987. Pp. 15-25.

MORAES, M. D. C.; PEREIRA, L. C. Mulheres ceramistas no Poti Velho em Teresina-PI: fazendo arte e narrando identidades de gênero. XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-alias Brasil, Teresina, 04 a 07 de setembro de 2012. **Anais...** Disponível em <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT06-11.pdf> Acesso em 14 de junho de 2013.

POLITIS, R. J. S. Acerca de la Etnoarqueologia en América del Sur. **Revista Horizontes Antropológicos: Arqueologia e sociedades Tradicionais.** Porto Alegre, ano 8, n 18, 2002, p. 61-91.

POLONI, R. J. S. **A etnoarqueologia no Brasil: Ciência e sociedade no Contexto da Redemocratização.** Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia - Especialização em Teoria e Métodos da Arqueologia. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2008.

PORTELA, M. O.B; GOMES, J. M. A. **Os Danos Ambientais Resultantes da Extração de Argila no Bairro Olarias em Teresina-PI.** II Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís, MA, 2005.

READ, H. **O Significado da Arte.** Portugal Ed. Ulisseia, 1968. Pp. 27 – 28

RORIZ, P. C. de O. **O Trabalho do Artesão e suas Interfaces Culturais Econômicas.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Brasília, 2010.

RUIBAL, G.R. **La Experiencia del Outro. Uma Introducción a la etnoarqueología.** Madrid, Ed. Akal. 2003.

SAMPIERI, R. H et al. **Metodologia de la investigación.** São Paulo: MacGrawHill, 2006.

SARAIVA Conselheiro Antônio. **Serviço de divulgação da Prefeitura, Teresina.** s/d

SCABELLO, A. L. M. **Oleiros e Ceramistas do Poti Velho, PI: Um Estudo Etnoarqueológico,** 2012. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=454>

SEBRAE. **Estudo da Situação Econômica do Artesanato de Teresina:** Cerâmica, Tecelagem, Arte Santeira e Bordado. Teresina. Ed. SEBRAE. 2005.

SILVA, J. R. **Memória histórica sobre a transferência da Capital do Piauí.** Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina, 1994.

SILVA, F. A. **As Tecnologias e Seus Significados.** Revista Canindé, nº 02. 2002.

TOCHETO, F; THIESEN, B. **A Memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas.** In: LIMA, Tânia A. (org.) Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 33.p.175-199,2007.

THOMPSON, P. **A voz do Passado-** História Oral. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 3ªed. 2002.

VERGARRA, A. C. Possibilidades de Interpretação – O Uso da Etnoarqueologia. **X Encontro Estadual de História.** Universidade Federal de Santa Maria. 2010.

VILAÇA, R; OSÓRIO, M.; FERREIRA, M. do C. Nem Sempre o que Parece, é. U caso de etnoarqueologia na Serra Gorda (Águas Belas, Sabugal, Guarda). Norba. **Revista de História,** Vol.17, 2004. p.137-156.